

Dívidas dos hospitais crescem 160 milhões desde o início do ano

O Ministério da Saúde não conseguiu cortar na despesa corrente nos primeiros cinco meses do ano, o que fica muito distante da redução de quase 4% que está implícita nos objectivos do Orçamento Rectificativo.

As dívidas a fornecedores dos hospitais EPE continuam a subir e atingiram no final de Maio os 773 milhões de euros, revelam dados da Direcção-geral do Orçamento (DGO) divulgados na terça-feira. O aumento desde o final do ano já vai em 160 milhões de euros.

Este é um sinal das dificuldades na execução orçamental evidenciadas pelos serviços e organismos do ministério liderado por Paulo Macedo, mas não é o único. As contas da despesa corrente no Serviço Nacional de Saúde (SNS) nos primeiros cinco meses do ano estão distantes do objectivo para o total do ano, conclui-se do boletim de execução orçamental.

Segundo a DGO, a despesa corrente do SNS entre Janeiro e Maio ascendeu a 3,3 mil milhões de euros, o que corresponde a uma estagnação face aos mesmos meses de 2013. O valor fica no entanto aquém da meta de corte de 3,9% que está implícita no OE para a totalidade do ano, quando comparada a execução de 2013 e meta inscrita no documento que

governa a gestão financeira do Estado. A manter-se um desvio percentual desta magnitude no resto do ano, o SNS terminaria 2014 com uma derrapagem de perto de 325 milhões de euros na despesa corrente.

A explicar esta diferença estão várias rubricas, incluindo as despesas com pessoal – que estão a cair 2,8% contra um objectivo anual de redução de 3,4% –, mas principalmente os gastos com aquisições de bens e serviços, onde se incluem as despesas dos serviços

nacional de saúde como medicamentos, exames ou despesas assumidas pelo Estado com os hospitais EPE pelos serviços prestados aos doentes que recebem.

As contas do Ministério das Finanças apontam para uma estagnação na despesa no conjunto dos gastos com aquisição de bens e serviços, o que compara com uma meta anual de redução de 3,7% inscrita no OE. A manter-se a diferença, e a derrapagem poderia ascender a um pouco menos de 300 milhões de euros no final do ano.

Os principais contributos para esta pressão chegam dos gastos com farmácias e medicamentos (que estão a crescer 5,2%, contra uma variação implícita no Orçamento de redução de 8,5% no ano) e os contratos de aquisição de serviços aos EPE que estão a recuar 1,5%, menos do que o corte de 5,5% que o Executivo assumiu como meta para a totalidade do ano. As últimas semanas pela demissão os responsáveis clínicos no hospital de São Porto por protesto com soluções orçamentais. ■

**3,3
MIL MILHÕES**

A despesa corrente do SNS até Maio está ao mesmo nível de 2013. No entanto o Governo comprometeu-se com um corte de 3,9%